

COLEÇÃO

NANUZA MENEZES

IPHAN

COLEÇÃO

NANUZA MENEZES

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura
Margareth Menezes

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Leandro Antonio Grass Peixoto

Diretoria do Iphan
Adriana Fátima Bortoli Araújo
Andrey Rosenthal Schlee
Cejane Pacini Leal Muniz
Daniel Borges Sombra
Deyvesson Israel Alves Gusmão

Departamento Patrimônio Material e Fiscalização
Andrey Rosenthal Schlee

Sítio Roberto Burle Marx
Claudia Maria P. Storino

Instituto do Pratrimônio Histórico e Artístico Nacional

C O L E Ç Ã O

NANUZA MENEZES

Rio de Janeiro, Iphan, 2026

Equipe editorial
Editor: Rafael Zamorano Bezerra

Textos: Caetano Troncoso Oliveira, Claudia Maria P. Storino, Fernanda Mello, Júlia Monteiro, Marlon da Costa Souza e Rafael Zamorano Bezerra

Pesquisa: Caetano Troncoso Oliveira, Fernanda Mello e Júlia Monteiro

Fotografias: Caetano Troncoso Oliveira, Fernanda Mello, Júlia Monteiro, Marlon Costa, Maria Eduarda Becker e Oscar Liberal

Revisão: Catia Regina de Lima e Silva

Equipe 2Ks
Diagramação e programação visual: João Victor Severiano

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
www.iphan.gov.br
publicacoes@iphan.gov.br
sitioburlemarx.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, Iphan

C691

Coleção Nanuza Menezes / editor : Rafael Bezerra Zamorano ; textos : Caetano Troncoso Oliveira ... [et al.]. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Rio de Janeiro : Iphan, 2026.
64 p.

Modo de acesso: www.gov.br/iphan/pt-br
ISBN: 978-85-7334-514-8

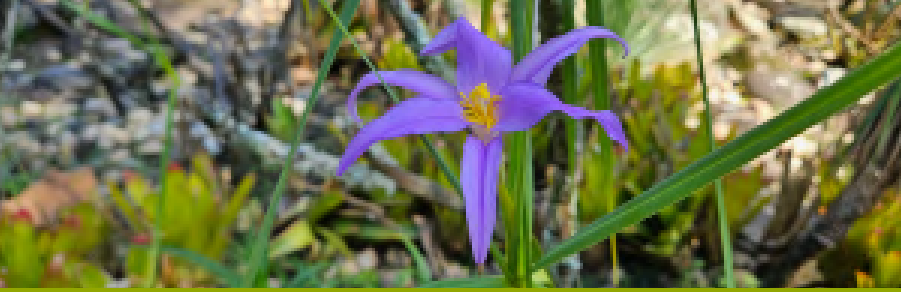
1. Paisagismo. 2. Botânica. 3. Entrevista. 4. Nanuza Menezes I. Bezerra, Rafael Zamorano. II. Oliveira, Caetano Troncoso.

CDD 712

Elaborado por Odilé Viana de Souza – CRB-1/2120

SUMÁRIO

Apresentação	6
Nanuza Menezes, uma breve nota biográfica	9
A amizade com Roberto Burle Marx	9
Velloziaceae	12
A Coleção Nanuza Menezes	13
A coleção nos dias atuais	27
Entrevista com Nanuza Menezes	51
Referências	64



APRESENTAÇÃO

"Daí porque quando me perguntam onde percebi as qualidades estéticas dos elementos autóctones da flora brasileira, aonde fui haurir a vontade de construir, com plantas nativas desta terra, uma ordem inteiramente nova de composição plástica, francamente só me resta responder que isso aconteceu estudando pintura numa estufa de plantas tropicais brasileiras do Jardim Botânico de Berlim! Foi lá que verdadeiramente percebi a força da natureza originária dos trópicos, que eu tinha ali, em minhas mãos, como um material pronto para servir ao projeto artístico que me era próprio, embora ainda mal definido. A partir de então, utilizei o elemento nativo natural, com toda a sua força e todas as suas qualidades, como uma matéria apta a concorrer para o meu projeto de composição plástica. Pelo menos é assim que entendo a arte do paisagista: como uma forma de afirmação artística."[1]

Localizado em Barra de Guaratiba, bairro da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, o Sítio Roberto Burle Marx (SRBM) é atualmente propriedade do Instituto Histórico e Artístico Nacional (Iphan), autarquia vinculada ao Ministério da Cultura, em cuja estrutura administrativa situa-se como unidade especial. É tombado como Patrimônio Cultural nas esferas Municipal, Estadual e Federal, e foi chancelado pela Unesco, em 2021, como Patrimônio Mundial. Dentre o patrimônio cultural preservado no SRBM destaca-se sua excepcional coleção botânica, que conta com mais de 3.500 espécies de plantas tropicais coletadas no Brasil e no exterior e cultivada no Sítio em jardins, paisagens e viveiros.

1 BURLE MARX, Roberto. Paisagem, Botânica e Ecologia. Perguntas a Roberto Burle Marx. In: LEENHARDT, Jacques. Nos Jardins de Burle Marx. São Paulo: Perspectiva, 1996.

Roberto Burle Marx, considerado um dos mais relevantes paisagistas do século 20, foi o criador do Jardim Tropical Moderno, concepção que representou uma mudança de paradigma, em nível mundial, no campo do paisagismo. Essa concepção de paisagismo foi inspirada no potencial estético da flora tropical, percebido por Burle Marx ao deparar-se, ainda muito jovem, com os grupos ecológicos de plantas organizados por Adolf Engler no Jardim Botânico de Berlim[2]. Pretendendo mostrar ao mundo a importância dessa flora, Burle Marx passou a dedicar-se à produção de jardins modernos, considerados por ele como obras de arte em quatro dimensões.

No entanto, produzir jardins segundo a proposta de Burle Marx, coerentes com as paisagens naturais sem delas fazer cópias, não seria uma tarefa simples nem fácil; foi a tarefa de toda uma vida. Para viabilizar a produção de suas obras de arte foi preciso, a princípio, constituir o repertório vegetal necessário, que não era cultivado nos hortos de então. Com essa finalidade, e com a contribuição de muitos botânicos amigos, foi que se deu a constituição da coleção botânica do SRBM, cuja aplicação em jardins e paisagens proporcionou ao paisagista o aprendizado sobre os hábitos, as necessidades, as associações entre as plantas e suas possibilidades de aplicação na produção de jardins.

O lugar de cultivo e experimentação com as múltiplas espécies da coleção foi o então denominado Sítio Santo Antônio da Bica, que acabou por se constituir, nesse processo, num microcosmos com variados elementos - topografia, lagos, edifícios, obras de arte, paisagens e jardins. Burle Marx, demiurgo desse minimundo, ali colecionou plantas, arte, conhecimentos, memórias, e - especialmente - amigos. Aos amigos botânicos dedicou especial afeto. Disse ele:

> "Se hoje tenho uma coleção que muitos botânicos julgam importante, em parte foi devido ao convívio que com eles tive. Sou grande amigo de alguns botânicos e fui amigo de outros, já falecidos, da grandeza de Ducke, Kuhlmann e Mello Barreto. Gozo da amizade de alguns botânicos atuantes, como Apparicio Pereira e Graziella Barroso. Todos eles me ajudaram no que concerne ao enriquecimento de minha coleção, que, em grande parte, foi feita em excursões, as quais recordo pelas experiências vividas e pela dramaticidade das situações."[3]

Roberto demonstrou o seu grande afeto pelas amigas Graziella Barroso e Margaret Mee nomeando em sua homenagem dois de seus viveiros de plantas. Teve a intenção (registrada em ata de reunião do

2 BURLE MARX, Roberto. Depoimento Pessoal. In: BURLE MARX, Roberto e TABACOW, José. Arte e Paisagem. Conferências escolhidas. São Paulo: Studio Nobel Ltda., 2004.
3 Id. Ibid.

Conselho do SRBM), de homenagear da mesma forma a botânica Nanuza Menezes, que havia contribuído de forma decisiva para a constituição da coleção de Velloziaceae, notória dentre as diversas famílias de plantas coletadas e muito valorizada por ele.

Tendo em vista que, por diversos motivos, essa coleção havia sofrido uma redução na quantidade de espécies e na qualidade de sua apresentação na paisagem do Sítio, envidamos esforços no sentido da sua recuperação e valorização, com a aquisição de novas espécies, identificação de indivíduos e a restauração do espaço conhecido como "Jardim Saxícola", que se encontrava descaracterizado. Pela importância científica e cultural da coleção de Velloziaceae no âmbito do acervo botânico desta instituição — como evidência do colecionismo de Burle Marx, de suas experimentações paisagísticas e também como testemunho da amizade entre Burle Marx e Nanuza Menezes — resolveu-se nomeá-la em homenagem à amiga botânica, materializando o desejo do próprio Burle Marx. Seguindo o modo de sinalização adotado para os viveiros Graziella Barroso e Margaret Mee, instalou-se no Jardim dos Seixos uma placa em homenagem a Nanuza Menezes. Registramos a iniciativa da homenagem nesta publicação, que apresenta uma pequena nota biográfica de Nanuza Menezes, sua relação com Burle Marx, a trajetória da coleção no SRBM, o atual estado da arte da coleção e, ao fim, uma entrevista realizada pela equipe do SRBM com a Nanuza Menezes.

Espero que esta publicação sirva de fonte de informação e inspiração aos leitores, bem como de convite para conhecer in loco a coleção de Velloziaceae do SRBM, agora nomeada como Coleção Nanuza Menezes. Boa leitura!

Claudia Maria P. Storino
Diretora
Sítio Roberto Burle Marx / Iphan

Nanuza Menezes, uma breve nota biográfica

Nanuza Luiza Menezes (1934) é uma botânica reconhecida no Brasil e no exterior por seu trabalho científico, sendo um exemplo da força das mulheres na ciência brasileira. Professora titular da Universidade de São Paulo (USP), dedicou boa parte de seus estudos à flora dos campos rupestres, em especial aos estudos de anatomia, morfologia e evolução da família Velloziaceae, plantas popularmente chamadas de "canela-de-ema".

Além das atividades de pesquisa e docência, atuou em importantes conselhos e comitês científicos, como os da Biodiversitas, do Museu de Biologia Mello Leitão, da Red Latinoamericana de Botánica, do World Wildlife Fund (WWF), da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN), da Fundação SOS Mata Atlântica, entre outros. Foi editora do Boletim de Botânica da Universidade de São Paulo e da Revista Brasileira de Botânica, da qual foi uma das criadoras. Seus estudos levaram à reestruturação da taxonomia de Velloziaceae com o estabelecimento de duas subfamílias e três novos gêneros, inclusive o gênero *Burlemarxia,* que atualmente está sinonimizado em *Barbacenia,* e contribuíram no embasamento da criação do Parque Nacional da Serra do Cipó (MG), em 1984. Ao longo de sua trajetória recebeu diversos prêmios e homenagens, como diplomas e medalhas de Honra ao Mérito de instituições como: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia; Museu Paraense Emílio Goeldi; Jardim Botânico do Rio de Janeiro; Sociedade Botânica do Brasil. Foi homenageada por vários autores, com nome em espécies de plantas e animais, inclusive um gênero, *Nanuza,* que atualmente está sinonimizado em *Vellozia.*

A amizade com Roberto Burle Marx

Burle Marx conheceu Nanuza Menezes através da botânica Graziela Barroso, que o convidou para ministrar palestras na USP sobre proteção ambiental, nos anos 1970. A partir daí tornaram-se amigos próximos e Nanuza Menezes atuou em diversas frentes no Sítio Santo Antônio da Bica, hoje Sítio Roberto Burle Marx (SRBM). Uma delas foi a participação no Conselho Consultivo do Sítio, ao qual foi indicada como presidente pela botânica Graziela Barroso e eleita por unanimidade, conforme a Ata do Conselho Consultivo de 1992. Ela também elaborou e ministrou, no Sítio, aulas de botânica aplicada à jardinagem. Participou de algumas expedições para coleta de plantas da família Velloziaceae, que foram aclimatadas no Sítio, como a expedição para a Serra do Cipó (MG), em 1993. Em seu trabalho como

cientista, homenageou Roberto Burle Marx no gênero *Burlemarxia* N.L.Menezes & Semir, que atualmente não é mais utilizado e é sinônimo do gênero *Barbacenia*.

Nanuza Menezes é parte constituinte da trajetória do Sítio Roberto Burle Marx, uma vez que se deve à amizade entre ela e Burle Marx a constituição da coleção de Velloziaceae. Na 12ª Ata do Conselho Consultivo de 1988, Burle Marx afirmou a intenção de homenageá-la. Em suas palavras: "Gostaria de no próximo dia 6 de setembro homenagear três grandes figuras: Graziela Barroso, Nanuza Menezes e Margaret Mee". Roberto Burle Marx conseguiu efetivar, em vida, seu desejo de homenagear Graziela Barroso e Margaret Mee, dando seus nomes a dois viveiros de plantas do SRBM. A homenagem a Nanuza Menezes concretiza-se, em 2024, na decisão de nomear em sua homenagem a coleção de Velloziaceae do SRBM.



Roberto Burle Marx, em seu aniversário de 80 anos, com Nanuza Menezes, durante festa na Casa Modernista, em São Paulo (SP). Imagem: Oscar Bressane. Acervo Sítio Roberto Burle Marx



Roberto Burle Marx, em seu aniversário de 80 anos, com Nanuza Menezes, durante festa na Casa Modernista, em São Paulo (SP). Imagem: Oscar Bressane. Acervo Sítio Roberto Burle Marx

Velloziaceae

Velloziaceae J.Agardh é uma família da ordem Pandanales, do grupo das Monocotiledôneas. Possui de três a cinco gêneros, dependendo da classificação, e aproximadamente 250 espécies. A família é caracterizada por serem ervas com o caule envolvido por bainhas foliares secas, o que lhe confere um aspecto de maior robustez e maior espessura no diâmetro. As folhas são alternas tristicas ou espiraladas, geralmente agrupadas no ápice dos ramos. As flores são vistosas, trímeras, com cálice e corola de diferentes cores como branca, roxa, lilás, amarela, laranja e vermelha.

A família possui distribuição tropical, principalmente na América do Sul e África, com o centro de diversidade nos campos rupestres brasileiros, crescendo sobre afloramentos rochosos e solos pedregosos. Ocorrem dois gêneros no Brasil, *Barbacenia* e *Vellozia,* e 228 espécies, sendo 225 endêmicas, principalmente em Minas Gerais, onde ocorrem 170 espécies. Treze espécies são encontradas no estado do Rio de Janeiro, podendo ser vistas no Morro da Urca, Pão de Açúcar e no Parque Nacional da Tijuca.



Ilustração feita por Margaret Mee da Vellozia burlemarxii L. B. Sm. & Ayensu, atualmente com o nome aceito de Vellozia hemisphaerica Seub. Acervo do Sítio Roberto Burle Marx.

A Coleção Nanuza Menezes
Histórico no SRBM

A trajetória da coleção de Velloziaceae no Sítio Roberto Burle Marx tem estreita relação com a já mencionada amizade estabelecida entre Burle Marx e Nanuza Menezes. Sabe-se que Burle Marx, antes de conhecer Nanuza, tinha interesse em cultivá-las em seu Sítio, porém ainda não havia tido sucesso, pois os exemplares coletados sempre morriam. A partir da amizade com Nanuza Menezes foi, então, possível dar início à coleção. Segundo o arquiteto paisagista José Tabacow[4]:

> "O Roberto não coletava velósias porque as plantas morriam, até que um dia ele teve contato com a professora Nanuza Menezes, e a Nanuza, especialista em velósias, disse pra ele: *não, você coleta com o tapete de raízes enraizando com a terra, e fica molhando, porque elas se ressecam e aparentemente morrem, mas elas não estão mortas. Basta você ficar regando permanentemente que elas vão reverdecer.* Ele chegou a ter 160, 170 espécies. É certamente a maior coleção de velosiáceas vivas, inclusive porque é uma família que, se não é exclusiva do Brasil, é quase exclusiva do Brasil". (Trecho de entrevista concedida à série-documentário 'Expedições Burle Marx', 2016, com direção de João Vargas Penna"

Burle Marx expôs seu orgulho pela coleção na palestra *Arte, Ciência e Paisagismo,* onde declarou:

> "Em todas as excursões que temos feito, e já fizemos muitas, nunca deixamos de encontrar espécies novas, para falar apenas das que são do nosso interesse principal, ou seja, espécies que podem ser utilizadas no paisagismo. Além destas, muitas vezes o prazer da descoberta provoca a expansão desse círculo e nos surpreendemos procurando novas microorquídeas, velózias, bromélias e outros gêneros por influência dos amigos botânicos que sempre nos acompanham nessas excursões. Em todas as excursões que temos feito, e já fizemos muitas, nunca deixamos de encontrar espécies novas, para falar apenas das que são do nosso interesse principal, ou seja, espécies que podem ser utilizadas no paisagismo. Além destas, muitas vezes o prazer da descoberta provoca a expansão desse círculo e nos surpreendemos procurando novas microorquídeas, velózias, bromélias e outros gêneros por influência dos amigos botânicos que sempre nos acompanham nessas excursões. *Tenho, por exemplo, 150 espécies de velosiáceas no meu sítio, enquanto o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, tem apenas três."*
>
> (MARX, 2004, p. 215.)

4 José Tabacow foi, sucessivamente, estagiário, colaborador, arquiteto colaborador e arquiteto associado do escritório de paisagismo Burle Marx & Cia. Ltda., onde permaneceu por 17 anos. É coautor de importantes projetos com Roberto Burle Marx e Haruyoshi Ono. Cf https://www.josetabacow.com/ Acesso em: 04 de dez. 2024.

O tamanho da coleção denota o sucesso das técnicas de cultivo da espécie no Sítio após o aprendizado com Nanuza Menezes. Não se sabe os locais exatos de plantio dos primeiros indivíduos exitosos no SRBM e tampouco se o Sítio possui hoje tantas espécies como no passado, sendo a coleção atual de cerca de 20 espécies de Velloziaceae, contabilizadas em cerca de 150 indivíduos. Pode-se, no entanto, identificar através de imagens, fotografias e documentos um panorama de sua distribuição pelo Sítio, das espécies que já compuseram a coleção e de suas procedências.



Coleta de velósia em expedição a Pirenópolis/GO, na segunda metade da década de 1980. Da esquerda para a direita: João de Oliveira, Mário Vanuci, Roberto Burle Marx e Sinval Augusto Pereira. Imagem: Acervo Sítio Roberto Burle Marx

Os registros mais detalhados do acervo botânico do SRBM datam de 1985, após a doação da propriedade à Fundação Pró-Memória. Tanto nos registros da lista de entrada de espécies do Sítio de 1985-86 quanto nos levantamentos das espécies numeradas e localizadas em esboços de plantas baixas dos jardins, pode-se observar a concentração dos indivíduos da família Velloziaceae em quatro locais do Sítio: no Jardim dos Seixos, no Jardim Saxícola, atrás da fachada do Ateliê (do qual, nessa época, apenas a fachada se encontrava construída), e no local conhecido como Santa Luzia. As informações na tabela da lista de entrada apontam dados sobre a morfologia e a procedência dos indivíduos, a maioria sem identificação de espécie, e o local onde foram plantadas. Já os esboços de mapas manuscritos indicam o posicionamento dos indivíduos com códigos numerados.

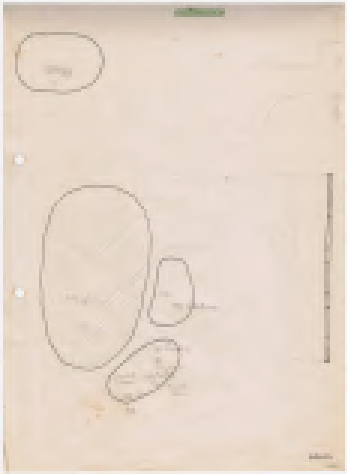
Esboços de plantas baixas com localização das velósias identificadas:



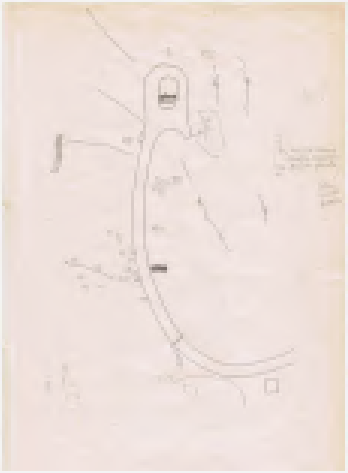
Jardim dos Seixos
Data estimada: final da década de 1980. Fonte: Acervo SRBM.



Jardim Saxícola
Data estimada: final da década de 1980. Fonte: Acervo SRBM.



Atrás da fachada do Ateliê
Data estimada: final da década de 1980. Fonte: Acervo SRBM.



Santa Luzia
Data estimada: final da década de 1980. Fonte: Acervo SRBM.

Encontram-se também algumas fotografias indicando os indivíduos vinculados às numerações. No entanto, nem todas apresentam informações completas, e, pelo que se relata entre colaboradores do Sítio, os inventários iniciais de espécies foram conduzidos em distintos momentos, o que acabou gerando problemas com a recuperação da informação. Dessa forma, não há evidências precisas sobre os dados de cada indivíduo listado, mas o material existente possibilita uma estimativa de quais espécies já existiram na coleção. As imagens também permitem visualizar as intenções de formação dos espaços com coleções de Velloziaceae, alguns mais consolidados e outros ainda em estágios iniciais, mas que, possivelmente, desenvolver-se-iam como locais destinados à coleção. As ilustrações e a tabela a seguir exemplificam essas fontes de informação.





Fotografias de velósias com numerações de registro.
Data estimada: década de 1980.
Fonte: Acervo SRBM.

Data	Coleta	Nome da planta	Procedência	Plantio	
				Funcionário	Local
12/05/1987	Nanuza Menezes	Araçá (goiaba deliciosa)	Museu Goeldi, Pará		
27/10/1985	Cíntia Chamas e José Tabacow	*Vellozia*	Serra do Cipó		
26/03/1986	José Tabacow	*Vellozia*	Venezuela (Canaima)	Ataíde Alves	Jardim dos Seixos
22/04/1986	Fátima Gomes	*Vellozia* de flor lilás (muda)	Serra dos Pirineus	Ataíde Alves	Jardim dos Seixos e Sítio novo.[5]
22/04/1986	Fátima Gomes	*Vellozia* de flor lilás enorme nº 90 (3mudas)	Serra dos Pirineus /	Ataíde Alves	Jardim dos Seixos
22/04/1986	Fátima Gomes	*Vellozia* (planta pequena) "C" nº 93 (muda)	Serra dos Pirineus /	Ataíde Alves	Jardim dos Seixos
22/04/1986	Fátima Gomes	*Vellozia* (planta pequena) "D" nº 91 (muda)	Serra dos Pirineus /	Ataíde Alves	Jardim dos Seixos
22/04/1986	Fátima Gomes	*Vellozia* ovário lilás (4 mudas)	Serra dos Pirineus /	Ataíde Alves	Sítio Novo
01/08/1986	Cíntia Chamas e José Tabacow	*Vellozia* (tipo plicata) (3 mudas)	Tombos,Pedra Dourada (MG); 19Km esq. MG, Sobre pedras / sol	Manoelino Milton da Silva	2 na esquerda na estrada em frente ao Jardim dos seixos, 1 atrás da fachada.[6]
01/08/1986	Cíntia Chamas e José Tabacow	*Vellozia* pequena (1 touceira)	Parque Nacional Caparaó (MG) sol / rupestre		
01/08/1986	Cíntia Chamas e José Tabacow	*Vellozia* tipo *Aylthonia* flor Rosada (1 touceira)	Tombos, Pedra Dourada (20 km Lado direito, MG) sem pedra / sol;		Atrás da fachada
10/10/1986	Laura Mourão	*Vellozia pusilla* (3 mudas)	Alto Palácio Serra do Cipó (km 133 antigo 138)	Manoelino Milton da Silva	Jardim dos Seixos

5 Trata-se do terreno localizado ao lado do SRBM, atualmente propriedade da Burle Marx & Cia.

6 Trata-se da área que à época era ocupada pela fachada de cantaria, hoje parte da arquitetura do Atelier, localizado no mesmo espaço.

Data	Coleta	Nome da planta	Procedência	Plantio	
				Funcionário	Local
22/11/1986	Fátima Gomes	Velloziaceae	Itaipu	Ataíde Alves	Jardim dos Seixos
		"Pleurostima" nº 115 (2 touceiras)	(RJ - Pedreira à direita)	Corrêa	
22/11/1986	Fátima Gomes	"Velloziaceae" folha pequena sem serra na folha (4 touceiras)	Itacoatiara (RJ - Pedreira)	Ataíde Alves Corrêa	Jardim dos Seixos
22/11/1986	Fátima Gomes	Velloziaceae folha pequena leve / serreado (6 touceiras)	Itacoatiara (RJ - Pedreira)	Ataíde Alves Corrêa	Jardim dos Seixos
15/12/1986	Fátima Gomes e Cíntia Chamas	*Vellozia* alta folha verde Acinzentada (16 mudas)	Serra dos Pirineus (GO)	Ataíde Alves Corrêa	Jardim Saxícola
15/12/1986	Fátima Gomes e Cíntia Chamas	*Vellozia* baixa folha estriada (1 muda)	Serra dos Pirineus (GO)	Ataíde Alves Corrêa	Jardim Saxícola
15/12/1986	Fátima Gomes e Cíntia Chamas	*Vellozia* folha muito comprida (2 mudas)	Serra dos Pirineus (GO)	Ataíde Alves Corrêa	Jardim Saxícola
15/12/1986	Fátima Gomes e Cíntia Chamas	*Vellozia* pequena folha acinzentada (4 mudas)	Serra dos Pirineus (GO)	Ataíde Alves Corrêa	Jardim Saxícola
15/12/1986	Fátima Gomes e Cíntia Chamas	*Vellozia* folha comprida, melada e pequena (9 mudas)	Serra dos Pirineus (GO)	Ataíde Alves Corrêa	Jardim dos Seixos (Perto da varanda)
15/12/1986	Fátima Gomes e Cíntia Chamas	*Vellozia*	Corumbá (GO / Serra dos Pirineus)	Ataíde Alves Corrêa	Jardim dos Seixos e Jardim Saxícola
30/12/1986	Oscar Bressane	*Vellozia* baixa (1 muda)		Fernando Augusto Pereira	Ripado C3[7]
02/02/1987	Cíntia Chamas e José Tabacow	*Vellozia* média (1 moita)	Itacoatiara (RJ - Pedreira)		Jardim Saxícola
02/02/1987	Cíntia Chamas e José Tabacow	*Vellozia* pequena (vários tapetes)	Itacoatiara (RJ - Pedreira)		Jardim Saxícola
08/06/1987	Roberto Burle Marx	*Vellozia* (4 mudas)	Chapada dos Guimarães (MT)		Ripado Platycerium
25/08/1987	Fátima Gomes	Velloziaceae - Folha fina e espetada (1 touceira)	Trinta Reis (MG)		Jardim dos Seixos

7 Ripados são os viveiros de plantas, atualmente denominados "sombrais".

Data	Coleta	Nome da planta	Procedência	Plantio	
				Funcionário	Local
25/08/1987	Fátima Gomes	Velloziaceae - Folha larga Tridivida (1 touceira)	Trinta Reis (MG)		Jardim dos Seixos
25/08/1987	Fátima Gomes	*Aylthonia* - Flor amarelo ovo	Trinta Reis (MG)		Jardim dos Seixos
25/08/1987	Fátima Gomes	Velloziaceae - Folha larga Dorso cinza (1 muda)	Chapada Diamantina (BA)		Jardim dos Seixos
25/08/1987	Fátima Gomes	*Vellozia* - Folha cinzenta (1 muda)	Extração (MG)		Jardim Saxícola
25/08/1987	Fátima Gomes	Velloziaceae (3 mudas)	Conceição do Mato Dentro (MG)		Jardim Saxícola
25/08/1987	Fátima Gomes	Velloziaceae - Folha larga. Em pedra (2 mudas)	Conceição do Mato Dentro (MG)		Jardim Saxícola
25/08/1987	Fátima Gomes	Velloziaceae - Várias espécies (vários grupos)	Chapada Diamantina (BA)		Jardim Saxícola
13/10/1987	Fátima Gomes	*Vellozia* (muda)	Morro da Torre, Campo Formoso (BA)		Jardim Saxícola
13/10/1987	Fátima Gomes	*Vellozia* (muda)	Jacobina (BA)		Jardim Saxícola
13/10/1987	Fátima Gomes	*Vellozia*	Morro da Torre, Campo Formoso (BA)		Orquidário
08/02/1988	Fátima Gomes	*Vellozia* - baixinha (3 mudas)	Estrada Mariana, Santa Rita Durão (MG)		Ripado C - vaso
17/02/1988	Cíntia Chamas e José Tabacow	*Vellozia* (1 muda)	Vargem Alta - Morro do Sal (ES) (sol/rupestre)		Jardim dos Seixos
20/02/1988	Cíntia Chamas e José Tabacow	*Vellozia* (2 moitas)	Torre da Pedra Alegre - Santa Leopoldina - Santa Teresa (ES) (sol/rupestre)		Jardim dos Seixos

Data	Coleta	Nome da planta	Procedência	Plantio	
				Funcionário	Local
10/08/1988	Fátima Gomes	*Vellozia* (1 muda)	Areais, Serra da Bocaina (SP)		Jardim da Casa Principal
01/02/1989	Leland	Velloziaceae (1 muda)	Itacoatiara/ Niteroi (RJ)		Ripado B **- em** sacos
01/02/1989	Leland	*Vellozia* (1 muda)	Itacoatiara/ Niteroi (RJ)		Jardim Saxícola
22/12/1989	Roberto Burle Marx e Luis Correia	*Vellozia* (mudas)	Colatina (ES)		
28/10/91	Fátima Gomes	Velloziaceae - Altônia (grudenta) (1 muda)	Fazenda Buraquinho, Campo Formoso (BA)		
28/10/91	Fátima Gomes	Velloziaceae (1 muda)	Fazenda Buraquinho, Campo Formoso (BA)		

Registros de coleta de velásias do Livro de Entrada de Espécies de 1985 a 1986 (informações extraídas de documento manuscrito e transcritas para a tabela acima). Fonte: Acervo SRBM.



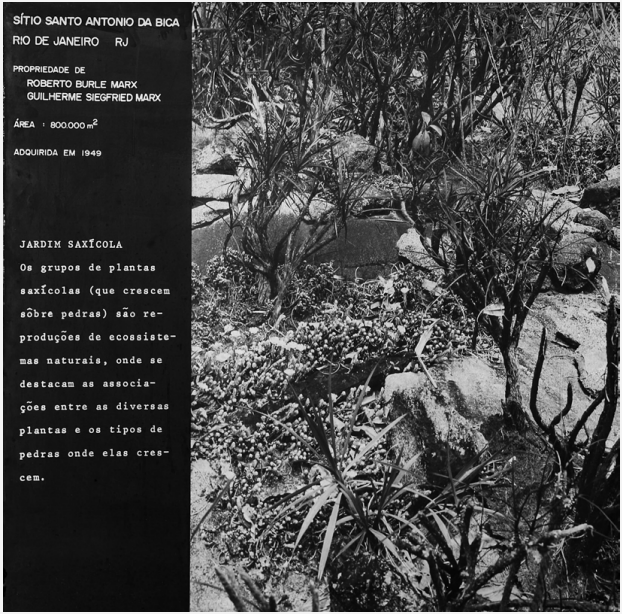
O Jardim dos Seixos, no início de sua formação, ainda sem os seixos e velózias.
Fotos de Marcel Gautherot. Fonte: Acervo IMS.



O Jardim dos Seixos, após a década de 1970, abrigando parte da coleção de Velloziaceae.
Fotos de Marcel Gautherot. Fonte: Acervo IMS.



O Jardim Saxícola, no início de sua formação, em meados da década de 1960 (estimativa).
Fotografia de Marcel Gautherot. Fonte: Acervo IMS.



Painel integrante de exposição produzida pelo Escritório Burle Marx & Cia., com fotografias de Marcel Gautherot, curadoria e projeto expositivo por José Tabacow e Koiti Mori. Este painel retrata um espaço com velózias, com o texto: "Jardim Saxícola: Os grupos de plantas saxícolas (que crescem sobre pedras) são reproduções de ecossistemas naturais, onde se destacam as associações entre as diversas plantas e os tipos de pedras onde elas crescem".
Painel pertencente ao acervo do SRBM*. Fonte: Acervo SRBM.

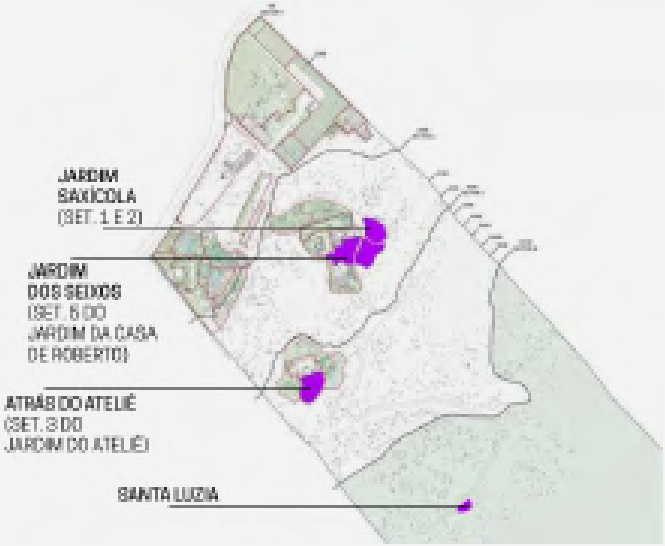
8 Segundo testemunho oral de José Tabacow, os painéis com fotos e textos existentes no SRBM são todos provenientes de uma exposição itinerante produzida no Escritório Burle Marx & Cia., que foi apresentada em diversos lugares, tais como no MASP (SP), em Brasília (DF), no Palais Galliera (Paris) etc.



Jardim atrás da fachada do Ateliê com alguns exemplares de plantas da família Velloziaceae.
Fotografia de Marcel Gautherot. (década de 1970) Fonte: Acervo IMS.

A coleção nos dias atuais

Atualmente a coleção está distribuída nesses mesmos espaços: Jardim dos Seixos; Jardim Saxícola; setor atrás do Ateliê e Santa Luzia. Esses locais possuem levantamento cadastral da composição e das espécies, exceto Santa Luzia, que abriga exemplares de coleções botânicas do SRBM permeando a vegetação nativa e possui atualmente poucos indivíduos da família Velloziaceae.



Área agenciada do SRBM com destaque aos espaços onde estão os exemplares da Coleção Nanuza Menezes: na parte superior da imagem, o Jardim dos Seixos; ao centro o Jardim Saxícola; e, na parte inferior da imagem, Santa Luzia.

JARDIM DOS SEIXOS

O Jardim dos Seixos representa o Setor 5 do Jardim da Casa de Roberto e fica localizado em frente à varanda dos fundos da Casa de Roberto. Este setor contém 17 espécies da família Velloziaceae, sendo: sete espécies identificadas, seis espécies com identificação a conferir e quatro espécies, aparentemente distintas, sem identificação.



Planta do jardim da Casa de Roberto, com atualização cadastral de 2024 e destaque (em lilás) para os indivíduos da família Velloziaceae.
uma das três áreas do SRBM arbitradas como "jardins" na candidatura do SRBM a Patrimônio Mundial.

Cód.	Família	Espécie
05.03	Velloziaceae	*Vellozia* cf. *lilacina* L.B.Sm. & Ayensu (e)* (EN)
05.04	Velloziaceae	*Barbacenia* cf. *rodriguesii* (N.L.Menezes & Semir) Mello-Silva (e)* (EN)
05.08	Velloziaceae	*Barbacenia hatschbachii* L.B.Sm. & Ayensu (e)* (EN)
05.09	Velloziaceae	*Vellozia sulphurea* Pohl (e)
05.10	Velloziaceae	*Vellozia* sp.
05.15	Velloziaceae	*Vellozia plicata* Mart. (e)
05.16	Velloziaceae	*Vellozia dasypus* Seub. (e)
05.17	Velloziaceae	*Barbacenia* cf. *fannieae* (N.L.Menezes) Mello-Silva (e)
05.19	Velloziaceae	*Vellozia tubiflora* (A.Rich.) Kunth (n)
05.20	Velloziaceae	*Barbacenia* cf. *spiralis* L.B.Sm. & Ayensu (e)* (EN)
05.21	Velloziaceae	*Vellozia* cf. *tubiflora* (A.Rich.) Kunth (n)
05.22	Velloziaceae	*Vellozia* sp.
05.23	Velloziaceae	*Vellozia* sp.
05.24	Velloziaceae	*Vellozia* sp.
05.25	Velloziaceae	*Vellozia* cf. *glochidea* Pohl (e)
05.54	Velloziaceae	*Barbacenia purpurea* (e)
05.55	Velloziaceae	*Vellozia* sp.

Lista de espécies da família Velloziaceae no Jardim dos Seixos - o Setor 5 do Jardim da Casa de Roberto.
Os destaques ao lado dos nomes das espécies indicam respectivamente se estas são (n) nativas ou (e) endêmicas do Brasil e/ou * ameaçadas (EN - em perigo e LC - menos preocupante).



Jardim dos Seixos visto a partir do Jardim Saxícola, SRBM, 2024.
Fotografia: Oscar Liberal. Fonte: Acervo SRBM.

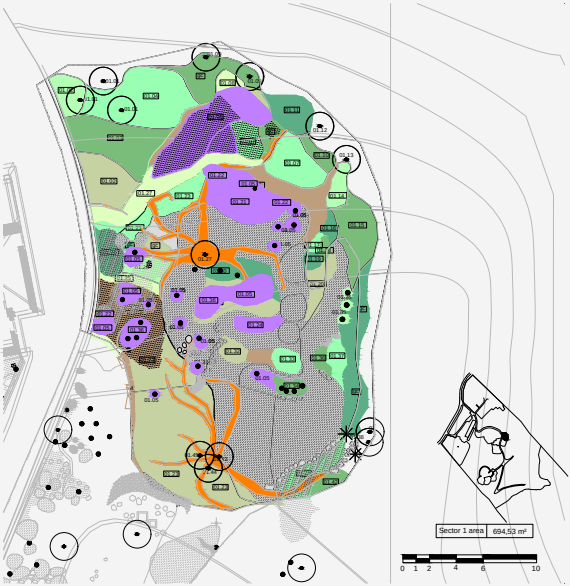


Jardim dos Seixos, SRBM, 2024.
Fotografia: Oscar Liberal. Fonte: Acervo SRBM.



Jardim dos Seixos, SRBM, 2024.
Fotografia: Oscar Liberal. Fonte: Acervo SRBM.

O Jardim Saxícola fica localizado na lateral da Casa de Roberto, no outro lado da estrada; divide-se em dois setores e vem concentrando indivíduos da coleção de Velloziaceae em expansão. Desse modo, o espaço abriga novas espécies adquiridas, com indivíduos ainda não identificados, além de espécies também presentes em outros setores que foram levadas a esse local.



O Setor 1 do Jardim Saxícola - planta cadastral atualizada em 2024, com destaque (em lilás) para os indivíduos da família Velloziaceae.

Cód.	Família	Espécie
01.05	Velloziaceae	*Vellozia plicata* Mart.
01.06	Velloziaceae	*Vellozia candida* J.C.Mikan
01.21	Velloziaceae	*Vellozia pulchra* L.B.Sm.
01.22	Velloziaceae	*Barbacenia* sp.
01.28	Velloziaceae	*Vellozia* sp. (INDET)
01.29	Velloziaceae	*Barbacenia* cf. *purpurea* Hook.
01.31	Velloziaceae	*Vellozia* sp.

Lista de espécies da família Velloziaceae no Setor 1 do Jardim Saxícola.



Jardim Saxícola – Setor 1, com placa sinalizadora da Coleção Nanuza Menezes, 2024.
Fotografia: Oscar Liberal. Fonte: Acervo SRBM.



Jardim Saxícola - Setor 1, 2024.
Fotografia: Oscar Liberal. Fonte: Acervo SRBM.



Jardim Saxícola - Setor 1, 2024.
Fotografia: Oscar Liberal. Fonte: Acervo SRBM.



Jardim Saxícola - Setor 1, 2024.
Fotografia: Oscar Liberal. Fonte: Acervo SRBM.



Setor 2 do Jardim Saxícola - planta cadastral atualizada em 2024, com destaque (em lilás) para os indivíduos da família Velloziaceae.

Cód.	Família	Espécie
02.04	Velloziaceae	*Vellozia plicata* Mart.
02.08	Velloziaceae	*Barbacenia* cf. *purpurea* Hook.
02.17	Velloziaceae	*Vellozia* cf. *pulchra* L.B.Sm.
02.19	Velloziaceae	*Vellozia candida* J.C.Mikan

Lista de espécies da família Velloziaceae no Setor 2 do Jardim Saxícola.



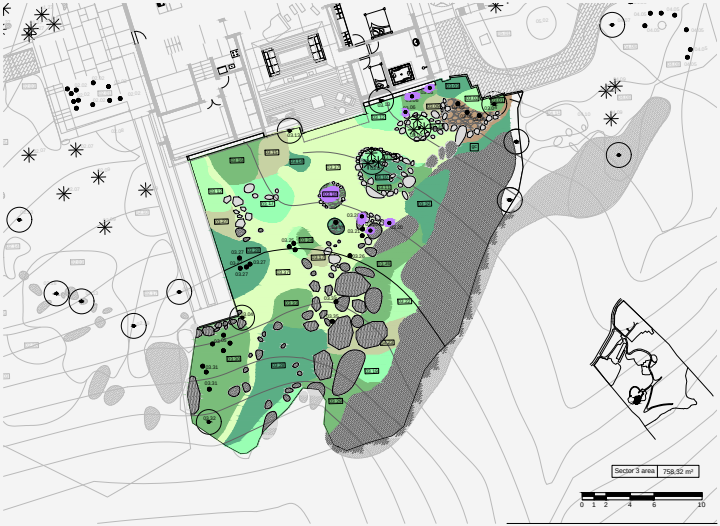
Jardim Saxícola - Setor 2, 2024.
Fotografia: Oscar Liberal. Fonte: Acervo SRBM.

JARDIM ATRÁS DO ATELIÊ



Jardim Saxícola - Setor 2, 2024.
Fotografia: Oscar Liberal. Fonte: Acervo SRBM

O jardim atrás do Ateliê representa o Setor 3 do Jardim do Ateliê. Esse espaço é identificado nos antigos documentos como "jardim atrás da fachada", em referência à fachada em cantaria do Ateliê, proveniente de um antigo armazém de café, que foi erguida no início da década de 1980, alguns anos antes da construção, em 1994, do edifício modernista do Ateliê. O local apresenta extensões de rochas afloradas onde se situam grupos de espécies saxícolas, adequadas às condições morfológicas do terreno. Dentre essas, estão três espécies da família Velloziaceae.



O Setor 3 do Jardim do Ateliê - planta cadastral atualizada em 2024,
com destaque (em lilás) para os indivíduos da família Velloziaceae.

Cód.	Família	Espécie
03.06	Velloziaceae	*Vellozia* sp.
03.18	Velloziaceae	*Barbacenia purpurea* (e)
03.20	Velloziaceae	*Vellozia* sp.

Lista de espécies da família Velloziaceae no Setor 3 do Jardim do Ateliê. Os destaques ao lado dos nomes das espécies indicam respectivamente se estas são (n) nativas ou (e) endêmicas do Brasil e/ou * ameaçadas (EN - em perigo e LC - menos preocupante).

Desde 2022, o SRBM vem envidando esforços no sentido de recuperar e dar visibilidade à coleção de Velloziaceae, tão valorizada por Roberto Burle Marx e que por diversos motivos havia perdido espécies ao longo dos anos. No âmbito desse movimento de recuperação, realizou-se a aquisição de novas espécies de Velloziaceae e a restauração do Jardim Saxícola, que se encontrava um tanto descaracterizado, por ter permanecido por alguns anos com baixa manutenção. Esse processo incluiu o remanejamento, para o Jardim Saxícola, de indivíduos de Velloziaceae provenientes de outras áreas do Sítio, realizando com isso o *backup*[9] das espécies, cujos indivíduos foram propagados ou reproduzidos e plantados nesses setores. Por ser o Jardim Saxícola um espaço que concentra novas espécies adquiridas da família Velloziaceae e integra outras espécies vegetais típicas de campos rupestres, instalou-se ali a placa comemorativa indicativa da Coleção Nanuza Menezes.

Durante esse processo, foram realizados transplantios de espécimes provenientes de outros setores, propagação por estacas, além de manejo cuidadoso e específico voltado à recuperação de plantas debilitadas. Essas intervenções não apenas possibilitaram a reabilitação dos indivíduos, mas também promoveram o desenvolvimento saudável das mudas. O Jardim Saxícola, portanto, passou a ser um local estratégico para a conservação e expansão da coleção de Velloziaceae, funcionando também como uma área de tratamento de mudas para recuperação e posterior reposição de indivíduos em outros espaços do Sítio, garantindo, assim, a integridade das composições com esse grupo de plantas em outros setores.

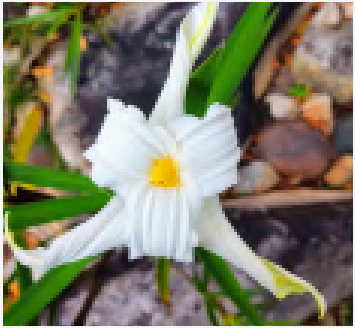
Esse é um processo contínuo e dinâmico, que

9 Método de conservação que busca garantir a permanência da coleção por meio do plantio da mesma espécie em diferentes locais do terreno.

demonstra como uma coleção botânica evolui e se adapta de forma integrada ao longo do tempo, em resposta às mudanças ambientais e às necessidades de manutenção. Cada ação realizada no Jardim Saxícola, assim como nos outros espaços, preserva a integridade dos conceitos paisagísticos deixados por Roberto Burle Marx e suas experimentações.



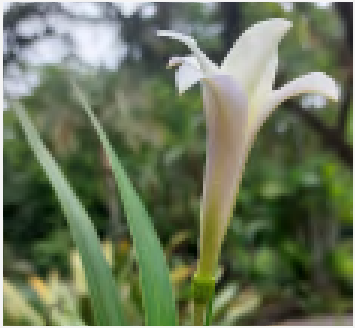
Vellozia sp. localizada no Jardim dos Seixos [05.55]. Fonte: Acervo SRBM .



Vellozia plicata localizada no setor 1 do Jardim Saxícola.
Fonte: Acervo SRBM



Detalhe da flor *Vellozia plicata* Mart., localizada no Jardim Saxícola.
Fonte: Acervo SRBM.



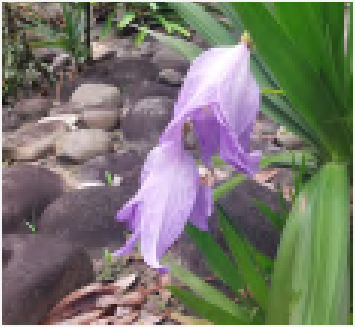
Vellozia plicata Mart., localizada no Jardim Saxícola.
Fonte: Acervo SRBM



Detalhe da flor da *Vellozia sp.* localizada no Jardim dos Seixos.
Fonte: Acervo SRBM.



Detalhe da flor *Vellozia plicata* Mart., localizada no Jardim Saxícola.
Fonte: Acervo SRBM.



Vellozia sp., localizada no Jardim dos Seixos.
Fonte: Acervo SRBM



Vellozia sp., localizada no Jardim dos Seixos.
Fonte: Acervo SRBM



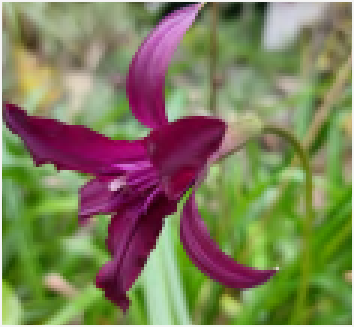
Vellozia sp. localizada no Jardim dos Seixos.
Fonte: Acervo SRBM



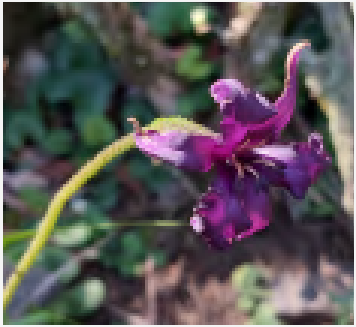
Vellozia pulchra L.B.Sm. localizada no setor 1 do Jardim Saxícola.
Fonte: Acervo SRBM.



Vellozia sp. localizada no Jardim dos Seixos.
Fonte: Acervo SRBM



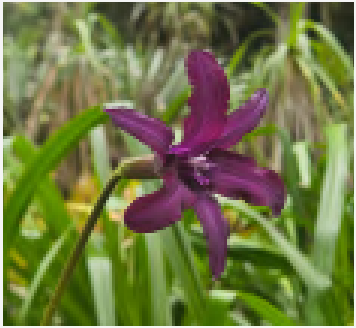
Barbacenia purpurea localizada no Jardim dos Seixos.
Fonte: Acervo SRBM



Barbacenia purpurea localizada no Jardim dos Seixos.
Fonte: Acervo SRBM.



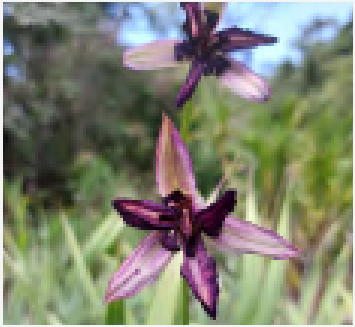
Barbacenia sp. localizada no setor 1 do Jardim Saxícola.
Fonte:Acervo SRBM



Barbacenia purpurea localizada no Jardim dos Seixos.
Fonte: Acervo SRBM



Barbacenia purpurea localizada no Jardim dos Seixos.
Fonte: Acervo SRBM.



Barbacenia purpurea localizada no Jardim atrás do Ateliê.
Fonte: Acervo SRBM



Vellozia sp. localizada no setor 2 da coleção Nanuza Menezes.
Fonte: Acervo SRBM



Barbacenia cf. purpurea. Coleção Nanuza Menezes.
Fonte: Acervo SRBM

Entrevista com Nanuza Menezes

Esta entrevista foi realizada no dia 4 de fevereiro de 2021, por videoconferência, pelas servidoras do SRBM, Júlia da Cruz Gouveia de Barros Monteiro e Fernanda Vieira Mello de Oliveira. O processo de transcrição, limpeza e transcriação foi realizado pelas entrevistadoras e pela então servidora do SRBM Daniele del Giudice de Andrada. A entrevista foi realizada no âmbito do projeto Inventário de Práticas Paisagísticas do Sítio Roberto Burle Marx, que está formando um acervo de história oral com personagens importantes na trajetória da constituição do Sítio Roberto Burle Marx. As entrevistadoras estão abreviadas como J.M. (Júlia Monteiro) e F.M. (Fernanda Mello), e a entrevistada como N.M. (Nanuza Menezes).

J.M.: Oi, Nanuza, tudo bem? Só para contextualizar o nosso trabalho: eu e Fernanda não somos biólogas, somos arquitetas. Começamos a buscar os processos e as práticas que foram formados no Sítio, desde a chegada de plantas, como foram aclimatadas, quando saíam, chegavam... E sabemos também que o Roberto tinha muito apreço pelos amigos. E pelo conhecimento dos amigos, então, a gente propôs à diretoria essa pesquisa de resgate da memória dos amigos do Roberto, das pessoas que trabalhavam com ele, para entendermos a formação, para deixar gravado.

N.M.: Primeiro, eu quero falar com vocês o que devem estar cansadas de saber. Nós tínhamos um conselho[10] no Sítio, nos reuníamos a cada três meses. Eu era a presidente deste conselho. Na época, eu via que era uma propriedade muito valiosa, além das coleções de plantas, por ser próxima ao Rio de Janeiro, muito valiosa, e os herdeiros não querem saber de coleção de ninguém. Eu falei: "Roberto, um dia pode acontecer de você não estar mais aqui e quererem dividir, cada um ficar com uma parte, cada um vai fazer o que quiser da sua parte. Então, por que você..." Eu conversei com o pessoal lá do nosso conselho, que era formado pelos quatro arquitetos paisagistas que trabalhavam com ele: a Klara Kaiser[11], o Koiti Mori[12], marido da Klara, o Haruyoshi Ono[13], que infelizmente

10 Após a doação do Sítio Santo Antônio da Bica à Fundação Nacional Pró-Memória, em 1985, formou-se o Conselho Consultivo em que Roberto Burle Marx era o diretor e José Tabacow vice-diretor. A primeira reunião do conselho foi realizada em novembro de 1986 e tinha como conselheiros: Graziela Maciel Barroso, Maria do Carmo de Mello Franco Nabuco, Luiz Emygdio de Mello Filho, Klara Annamaria Kaiser Mori, Jorge Machado Moreira, Luiz Antônio Matthes, Nanuza Luiza de Menezes, Ary Garcia Roza, Rosalina Azevedo Leão.

11 Klara Anna Maria Kaiser Mori, arquiteta paisagista, formada pela Universidade de São Paulo (USP) em 1971, foi colaboradora do escritório de paisagismo de Roberto Burle Marx por cinco anos e integrante do Conselho Consultivo do Sítio Roberto Burle Marx.

12 Koiti Mori, arquiteto paisagista, colaborou no escritório Burle Marx e participou de diversas expedições.

13 Haruyoshi Ono, arquiteto paisagista, graduou-se em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1968. Foi sucessivamente estagiário, arquiteto paisagista, sócio e herdeiro do escritório Burle Marx & Cia.

faleceu, marido da Fátima[14], e o Robério[15], que foi diretor do Sítio por algum tempo. Nós o convencemos a doar o Sítio para o Pró-Memória[16], e ele fez isso. Por isso, é um patrimônio nacional, ninguém vai vender nunca. Foi a grande coisa que ele fez. Estávamos sempre juntos, conversávamos muito, ele vinha muito para cá, fazia palestras aqui. Aliás, como eu conheci o Burle Marx? Foi através da Graziela Maciel Barroso[17], lá do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. E a Graziela me falava: "o Roberto Burle Marx está querendo muito conhecer você, porque você conhece e coleciona, é especialista em canelas-de-ema". A paixão dele é canela-de-ema[18], que são as Velloziaceae[19], famîlia com a qual eu trabalhei por 50 anos [risos]. E então, a Graziela falou: "ele vai ficar muito feliz em conhecer você, vamos lá?". Ela ligou para ele: "ah, então venham almoçar aqui". Aí, nós fomos almoçar lá, e foi aí que eu conheci o Roberto, pessoalmente.

J.M.: A senhora se lembra a época, o ano em que foi isso?

N.M.: Eu tenho isso tudo marcado no meu currículo vitae, mas agora, neste momento, eu não sei, mas eu posso mandar para vocês todos esses dados. Isso aconteceu em [19]70, acho que foi [19]75, 1975 que eu o conheci pessoalmente... Lá no Sítio. Eu não tenho bem certeza, eu vou depois confirmar. No meu currículo, em algum lugar que está escrito. Mas deixa eu lhe contar uma coisa interessante que lembrei agora: uma vez, numa das visitas que fiz ao Sítio, falei: "Roberto, seus jardineiros são tão eficientes, tão maravilhosos, que eu vou dar um pouco de aula de morfologia vegetal. Ensinar para eles o que é uma raiz... Eles estão cansados de mexer, mas eu vou mostrar raiz, caule, folha, até a flor, tudo. Sementes, como forma, como não forma. Quando eu comecei, falei: "eu preciso de um projetor de slides, porque eu tenho tudo isso em slides, e lugar para os jardineiros sentarem". No dia em que comecei, ele era o primeiro da fila para assistir à aula. E assistiu a todas as minhas aulas. O dia, olha, eu vou dizer para vocês, o dia em que eu peguei um ovário, uma flor com ovário, cheio de

14 Fátima Gomes, arquiteta paisagista, graduou-se pela UFRJ, trabalhou no escritório de paisagismo Burle Marx & Cia. a partir de 1975, como estagiária e depois arquiteta, participou de excursões e trabalho no Sítio Roberto Burle Marx, foi conselheira de Conselho Consultivo nos anos que Roberto foi o diretor do SRBM.

15 Robério Dias, arquiteto paisagista, trabalhou no Escritório Burle Marx & Cia. e foi diretor do SRBM em 1995 a 2011;

16 A Fundação Nacional Pró-Memória foi um órgão público fundado em 1979 e extinto em 1990. Funcionava junto à Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em organização dual.

17 Graziela Maciel Barroso (1912 - 2003) botânica vinculada ao Jardim Botânico de Rio de Janeiro, foi a maior taxonomista de plantas do Brasil. Amiga de Roberto Burle Marx, participou de diversas expedições, além de ajudá-lo constantemente no processo de identificação de plantas de seu acervo.

18 Canela-de-ema, nome popular para designar algumas espécies da família Velloziaceae.

19 A família Velloziaceae se distribui predominantemente nos campos rupestres brasileiros, possui flores vistosas e é pouco explorada em paisagismo devido à dificuldade de cultivo e pelo crescimento lento.

óvulos – ele sabia que do ovário saíam as sementes –, eu mostrei para ele, abri o ovário e tirei os óvulos, dizendo "olha..." Ele chorou, caíram lágrimas dos olhos dele de emoção de ver os óvulos daquela flor, daquela planta. Se não me engano, era um hibisco. Aí ele não perdeu mais nenhuma aula. Tudo que eu ensinei para os jardineiros, eu ensinava para ele também [risos]. Agora tem gente que ficou sabendo disso e quer que eu faça a mesma coisa, ensinar para eles. Um grupo aí que eu esqueci o nome. Aqui de São Paulo.

J.M.: Dona Nanuza, fizemos um monte de pesquisas sobre a senhora antes de começar essa conversa, e achamos na ata do conselho a ementa do curso, que eu não sei se é esse, o mesmo curso que a senhora está falando agora, para os jardineiros; mas, na ata de 1988, tinha a ementa do curso que a senhora deu. É esse mesmo curso?

F.M.: A senhora propõe um programa com módulos. É o mesmo curso?

N.M.: É o mesmo curso, era o único que eu dava. Ensinava para eles. Tanto é que tem gente, há um grupo aí, que trabalha com jardins mais sofisticados aqui em São Paulo, que soube dessa história e quer que eu dê aulas ou então que passe por escrito como tem que fazer, quem eles podem convidar no meu lugar. Falei: "não, eu estou pronta para ir a qualquer lugar, eu dou aula, pode deixar". A coisa que eu mais amo na minha vida é ensinar, nasci para ser professora. Eu amo ser bióloga, amo ser professora de biologia e amo também essas pessoas que amam as plantas. O Roberto morava no meu coração, Graziela Barroso... Eu tenho inclusive uma medalha de mérito da Sociedade Botânica do Brasil, medalha de mérito 'Graziela Maciel Barroso'. Tenho uma outra medalha de mérito... ah, não, da Sociedade Botânica do Brasil, mas do Burle Marx, o que foi muito lindo, é que ele era muito brincalhão.

J.M.: E sobre as Velloziaceae? Vocês conversavam muito?

N.M.: Ah, muito. A gente saiu muitas vezes no campo, várias viagens. Fomos uma vez até o Alto Paraíso[20], uma coisa fantástica. Chegamos lá, estava uma florada maravilhosa de Velloziaceae, além de um *Paepalanthus*[21] lindo, campo todo forrado daquele que tem mais de um metro, uns dois metros de altura, lindo! Ou polyanthus? Um polyanthus. Lindo, maravilhoso. E estar com ele no campo, estar ali com ele vendo essas coisas todas... Ele cantava, tudo ele fazia. E ele cantava ópera. Eu gostava de ouvi-lo cantar ópera! Ele cantava,

20 Alto Paraíso, região localizada na Chapada dos Veadeiros, em Goiás.

21 Paepalanthus, gênero da família botânica Eriocaulaceae. Pode estar se referindo à Paepalanthus polyanthus ou outra espécie do gênero.

e na hora que ele estava feliz, então, cantava em alemão. Não entendia nada, mas era lindo do mesmo jeito.

J.M.: E aí vocês coletavam. Vocês coletavam juntos as velósias?

N.M.: A gente coletava. Várias, muitas espécies novas encontrei junto com ele.

J.M.: E como eram essas coletas? Como nossa pesquisa é sobre as práticas, sabemos de algumas espécies que existem lá no Sítio, mas não como era o momento em que vocês faziam isso, se existia tamanho de um indivíduo de Velloziaceae específico.

N.M.: Nas coletas o padrão era cortar o ramo sempre com flor, herborizar[22] no meio de jornal. Então, no campo, a gente levava jornal e papelão e, à noite, montava uma estufa portátil. Acendia um fogareiro embaixo, não de fogo, mas de carvão, que não tinha perigo de pegar fogo em nada. Só aquecia. Onde houvesse eletricidade, a gente tinha fogareiro elétrico; onde não, punha o fogareiro de carvão. Eram estufas portáteis, com prensas, para não estragar a planta. A gente ficava um mês viajando. Depois de uma semana, a flor estragava. Então, além de botar em álcool – se fosse coisa nova, tinha que estar em álcool 70, reservado –, era prensada de tal maneira que, quando a gente abria a prensa, estava perfeita, como se tivesse sido coletada, até muitas vezes com a mesma cor, porque havia sido prensada com muito cuidado no campo. Quando chegava em casa, na USP ou lá no Sítio, continuava tratando das plantas até ficar no ponto de ser trabalhada pelo especialista. Éramos eu e, na época, tinha um colega meu, que faleceu agora com 40 e poucos anos, Renato Mello Silva[23]. O Renato era taxonomista, eu sempre fui anatomista. Eu estudo o anatômico da planta. Eu estudo a planta por dentro, e a taxonomia, o que dá nome à planta, era o Renato. Mas tudo já foi coletado no Brasil e na África. Nunca mais apareceu espécie nova, porque a gente varria. Aquelas serras todas, não sobrava nada. Quer dizer, sobrava, claro, ficava lá [risos]. Mas a gente coletava tudo para poder guardar. Para a posteridade. Nós temos no nosso Instituto uma coleção fantástica, tudo conservado, em herbários. A FAPESP [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo], aqui de São Paulo], pagou a construção de uns herbários fantásticos, de armários enormes de aço que correm nos trilhos. É uma beleza, junta um no outro. Tudo lá guardado.

22 Herborizar: preparar um exemplar botânico para coleção do herbário.

23 Renato Mello Silva, professor titular do Instituto de Biociências (IB) da Universidade de São Paulo (USP), atuava na área de Sistemática Vegetal, foi curador do Herbário da USP. Na botânica atuava principalmente com as famílias Velloziaceae e Annonaceae.

J.M.: Quando a senhora ia com o Burle Marx coletar, vocês faziam essa coleta e também as exsicatas[24] delas para mandar a algum herbário ou ia direto para o Sítio?

N.M.: Não, fazia a exsicata e trazia para São Paulo, trazia tudo para cá, depois eu deixava lá no Sítio um exemplar. Para ele lembrar apenas. Deixava uma amostra. Mas as plantas mesmo, a coleção, vinha toda aqui para São Paulo.

J.M: Que é da USP?

N.M.: É do herbário da USP. Nosso herbário é maravilhoso. O melhor do Brasil. Desculpe a modéstia [riso], mas nem o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que foi o primeiro que começou a coletar no Brasil, nem eles têm a quantidade de plantas. O nosso sempre foi, o forte do nosso grupo lá na USP sempre foi a taxonomia.

J.M.: E essa informação é muito importante para nós, porque... eu vou até ler aqui uma citação que o Roberto falou numa das atas: "há 250 espécies de Velloziaceae no mundo. O Sítio possui aproximadamente 110 espécies"[25]. Isso foi em [19]88, e hoje em dia nossa coleção está bem mais reduzida. A gente só tem 45, por volta de 45 espécies, e estamos fazendo o levantamento delas e querendo recuperar o acervo. Então, saber que as exsicatas e as coletas estão na USP, é um caminho.

N.M.: Estão na USP. Sempre eu dava uma duplicata, ficava para o Sítio e eu trazia a quantidade maior, porque os nossos herbários distribuem para o mundo inteiro. O mundo inteiro pede plantas. Então, a coleção maior ficava conosco, mas eu sempre deixei no Sítio exemplares das que foram coletadas.

J.M.: Mas os indivíduos, as plantas mesmo, iam primeiro para a senhora... E depois voltavam lá para o Sítio, então?

N.M.: É! Ah, sim, toda a coleção vinha para São Paulo comigo e depois eu restituía uma; uma ou duas exsicatas de cada planta diferente. Cada coleta ou duas, se tivessem muitas, punha duas, três. Mas está tudo aqui no Sítio... no sítio não, na USP, a etiqueta: "coleta Roberto Burle Marx e Nanuza Menezes". E companhias, porque tinha um monte de gente [risos]. Haru, você conheceu o Haruyoshi Ono? Marido da Fátima. O Robério, que era diretor do Sítio... E o José Tabacow[26]. Então, a gente viajava muito. Era muito engraçado... eu vou contar uma coisa para vocês: ia

24 Exsicatas, amostras de plantas herborizadas – prensadas e secas – geralmente armazenadas em herbários, que servem como aparatos para pesquisa científica.

25 Citação da ata do conselho consultivo realizada em 5 de março de 1988.

26 José Waldemar Tabacow, arquiteto paisagista, graduou-se em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1968. Foi sucessivamente estagiário, arquiteto-paisagista e sócio da Burle Marx & Cia entre os anos de 1965 e 1982.

sempre um motorista guiando o carro do Roberto, ele, e eu, no meio, entre os dois. Aí, uma vez, o motorista teve um problema e eu tive que dirigir o carro. O Roberto só ia naquele carro comigo, guiando, dirigindo. Chegamos a um lugar, estava todo mundo encostado, atolou o caminhão, afundaram os carros, os outros dois carros com os funcionários dele, dois carros, e eu ia passar. Na hora em que eu fui passar – tinha até um pesquisador da Inglaterra, que esteve no Jardim Botânico por um tempo, e veio coletar, participar da reunião. E nessa viagem, por exemplo, eu quem dirigia, aí o Tabacow falava assim: "Roberto, vamos parar para a Nanuza descansar..." "Porque ela está dirigindo desde as cinco da manhã, já é quase meio-dia, ela tem que descansar um pouco." Aí ele me deixou parar e dormir, mas ficava olhando para mim. Era só eu me mexer e ele: "Já descansou?" "Já descansou?" Queria que eu descansasse logo e pegasse a direção, porque só confiava em mim, sabem por quê? Porque todo mundo ficou atolado. O caminhão atolou, e os três carros com os arquitetos da Venezuela, da Bolívia, para participarem dessa reunião – eu tenho esses dados todos escritos em algum lugar. E aí, quando foi a minha vez de passar, eu não fiquei atolada [sorriso, contando com empolgação]. O rapaz foi filmando, filmando... Olha, depois dessa, ele só viajava comigo guiando. Ele dizia: "não, a Nanuza é quem vai dirigir". Eu fiquei com o cartaz até ele morrer [risos].

J.M.: [risos]. Que ótimo, maravilha!

N.M.: Está vendo só, passei a perna em toda a garotada, até no Zé Tabacow [risos].

J.M.: E nessas viagens, vocês faziam diários de viagens?

N.M.: É... bom, diários de viagens, não. Não, não, eu nunca tive esse costume. Os meus colegas que trabalham com taxonomia, tudo eles anotam: chegamos tal hora, levantamos tal hora. Eu não, eu coletava e acabou. Porque meu trabalho principal sempre foi no laboratório. Chegar com a planta, cortar. Então, eu coletei em tal lugar – bastava para mim. Agora, o taxonomista exige uma série de informações locais. Eu não tinha esse caderno, nunca tive um caderno de viagem. Só mais ou menos que eu rabiscava. Mas não como um taxonomista. Pena, senão eu daria para vocês guardarem aí como troféu. Eu vou até procurar alguma coisa que eu tenha anotado de viagem, eu vou mandar para vocês. Eu devo ter... eu devo ter lá na USP. Lá nos armários há coisas do Burle Marx. Eu não estou indo. Vocês sabem que eu vou receber um título de Professora Emérita? Aliás, já até recebi, foi votado, vou receber de Professora Emérita da USP.

J.M.: Mais do que merecido, parabéns!

N.M.: É, eu só sei dizer que terá essa reunião. Disseram que eu vou ganhar um outro prêmio

também, eu falei: "nossa, o que será?" O rapaz que me ajuda aqui, falou: "acho que é porque a senhora é a mais antiga professora em atividade". Porque todo mundo se aposenta e vai embora. Eu saí na compulsória com 70... Nunca deixei de dar aula. Hoje estou só com 86 anos.

J.M.: É um orgulho. E ainda dando aula.

N.M.: E, se Deus quiser, eu puxei uma avó pernambucana que morreu com 97 anos, lúcida. Eu sou igualzinha a essa avó, meus irmãos me caçoavam: "até parece a vovó Lulu". A Luiza do meu nome é dela. "Você é igual a vovó Lulu, só vive lendo", "você é igual a vovó Lulu". Todos os meus irmãos já morreram, coitados, todos morreram com menos de 70 anos, 70, por aí. Eu estou com 86. E estou firme, fiquei para semente [risos].

J.M.: E já plantou muitas sementes, porque professor é assim, já tem uma mata cheia de tanta semente que plantou.

N.M.: Com certeza, o que tem de bicho e planta com meu nome. Há um mundaréu de espécie de planta que tem meu nome. Inclusive gênero *Nanuza* nas Velloziaceae: *Nanuza plicata*[27]. Há quatro espécies do gênero *Nanuza* descritas por um rapaz que era do Museu Nacional, ele está na Tchecoslováquia agora. O Ruy Válka[28]. Ele descreveu três espécies de *Nanuza*. Agora, tem uma perereca... Que se chama *Hylla nanuzae*. Hoje ela se chama *Eurolophosaurus nanuzae,* olha que nome, não, *Bokermannohyla nanuzae*. Tem uma perereca e um lagarto, que é o *Eurolophosaurus nanuzae*. Estão vendo? Tem nome de tudo, eu estou espalhada: nome de planta, de bicho, de perereca [risos].

J.M. F.M.: [risos]

N.M.: Ah, peraí, e o gênero *Burlemarxia*[29], eu descrevi. O gênero *Burlemarxia,* com três espécies. Lá em Diamantina[30], em cima do morro, há foto do morro, onde eu encontrei a *Burlemarxia*. Ah, eu tenho, são três espécies de *Burlemarxia* no momento, eu vou mandar a foto delas para vocês.

27 Nanuza plicata espécie da família botânica Velloziaceae, atualmente é sinônimo de Vellozia plicata.

28 Ruy José Válka Alves, Geobotany pelo Botanical Institute, Academy of Sciences of the Czech Republic, República Tcheca (1993) professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) , Brasil. Curador do Herbário do Museu Nacional.

29 Burlemarxia, atualmente é sinônimo de Barbacenia.

30 Cidade localizada no estado de Minas Gerais.

J.M.: Ah, que bom, obrigada. O que puder ajudar, será um prazer.

N.M.: É que está tudo no meu arquivo. Imagina quantos mil slides eu tenho lá na USP. Eu vou procurar as fotos das *Burlemarxia* e mandarei para vocês. São lindas, as três [risos].Eu tenho até no meu jardim, eu tenho *Burlemarxia* que floresce. É uma ótima ideia, eu vou mandar para vocês colocarem aí no Sítio. Não lembro se há no Sítio ainda, não sei se está aí. Eu preciso ir ao Sítio para ver.

J.M.: E ele conversava com a senhora sobre os jardins das velósias no Sítio, onde ele ia plantá-las?

N.M.: É, nossa, era tudo que ele perguntava para mim. Eu falava: "Roberto, você que é o artista, você que deveria escolher o lugar"; "mas você que é a conhecedora do local mais adequado". Eu falei: "tudo bem, vamos juntar, você comigo e vamos juntos". No fim, a gente encontrava.

J.M.: E a senhora se lembra quais eram os lugares?

N.M.: Fizemos um jardim só de canelas-de-ema. Não sei se ainda está lá, mas eu tenho fotos desse jardim quando fizemos.

J.M.: Sim. A gente tem essas canelas-de-ema atrás da casa dele.

N.M.: Exatamente, atrás da casa dele, era esse mesmo.

J.M.: Ao lado da casa também tem um jardim saxícola, onde também tem algumas.

N.M.: Ah, então deve estar lá, tudo direitinho. Vocês podem me mandar uma foto para eu ter uma ideia de como está? Eu tenho foto daquela época em que eu trabalhava com ele.

J.M.: Vamos, vamos mandar sim.

N.M.: O César, que cozinhava para ele, mora num sítio aí perto, montou um restaurante. Ah, o César era ótimo, tudo ele fazia. E os doces, então, meu deus, cada doce...

F.M.: E você vinha muito nesses almoços de domingo?

N.M.: Era tudo... nesses almoços de domingo, que beleza. Eu ia de São Paulo aí só para almoçar com o Roberto, depois voltava. Muitas vezes eu ia só para almoçar. Sempre tinha alguém que queria conhecê-lo. Eu sempre levava alguém comigo para conhecer o

Roberto, raramente fui em quatro pessoas para lá. Uma vez eu fui em quatro, que eram os paisagistas da Venezuela que queriam conhecê-lo, então eu levei. E nossa, ele ficou alegre. Ih, e os venezuelanos babaram, claro, conheceram o Burle Marx, almoçaram na casa do Burle Marx... Era a glória total e completa [sorrindo].

J.M.: [risos] E a gente tem muita honra de trabalhar lá. Esse trabalho, essa pesquisa...

N.M.: Imagino, vocês parecem meninas que dão valor à história. Eu estou vendo isso em vocês. Então, vai ser maravilhoso poder ajudá-las. Com o maior prazer. E o dia de dar aulas para os jardineiros, isso foi divertido, viu. Fui dar aula e quem eu vejo no primeiro lugar da fila? O Roberto [risos]. E ele assistiu a tudo. Eu dei uma aula que durou quatro horas seguidas, e ele ficou durante quatro horas sentado, assistindo a tudo. Quando acabaram as quatro horas, a gente almoçou, porque eu comecei às 8h da manhã, e dormi lá. Das 8h da manhã até o meio-dia, as aulas teóricas, só mostrando slide, slide e tal. À tarde fomos cortar, andar pelo jardim com os jardineiros, pegando a planta para verem tudo aquilo que eu tinha falado. Ah, ele babava de alegria. Cantava ópera no meio do jardim... quando estava feliz, cantava as óperas dele em alemão [risos], era muito lindo. Mas eu tenho fotos disso, vocês vão ver. Eu vou mandar para vocês. Tem muita foto, tudo em slide, eu vou conseguir, pode deixar.

F.M.: E Dona Nanuza, para a preparação do curso, a senhora lembra o que considerou ser importante ensinar de botânica para ser aplicado à jardinagem e ao paisagismo? Como a senhora pensou em organizar o curso?

N.M.: Exatamente isso, tudo que era importante saber, porque sabem que a planta tem raiz, tem caule e tem folha. Mas o mais importante é saber que a planta é uma unidade. Todos os tecidos que estão na raiz, estão no caule e nas folhas, só que em cada órgão se modifica, mas é o mesmo tecido. Então era isso que eu mostrava com lâminas coloridas, feitas no microscópio. Ah, ele ficava... ele falava: "ai, por que eu não tenho menos idade... eu ia ser teu aluno lá na USP" [risos]. Aí, eu falei: "um ano inteiro de biologia não é fácil". Mas então é isso, meninas, eu já separei acho que uns 50 slides, eu vou fotografar e mandar pra vocês..

J.M.: Temos só uma última pergunta, que é mais emotiva, digamos assim. A gente leu muito que Burle Marx falava dos amigos, do que ele aprendia da botânica com a senhora, ele era muito orgulhoso da amizade da senhora. E a gente queria saber um pouco o contrário, o que a senhora se lembra sobre o paisagismo, as coisas que ele falava sobre as viagens, as plantas, e sobre o Sítio também, a ideia de paisagem, de paisagismo que ele passava para vocês.

N.M.: Ah, com certeza... cada lugar ele mostrava. A gente descia num determinado lugar, e para mim tudo aquilo era comum, aí ele chegava: "Olha, que beleza. Olha aquela pedra, olha a água saindo à direita. Veja à esquerda não sei o quê." [gesticulando e apontando com a mão, representando Burle Marx falando]. Eu falei: "nossa, que coisa linda, já passei aqui mil vezes. Eu acho bonito, mas agora eu estou achando muito mais bonito" [risos], porque ele falava aquilo com tanto carinho, explicando como era, como não era. "Imagina se tivesse tal coisa, se tivesse um ipê florido aqui neste lugar agora, veja que maravilha, um ipê todo amarelo, como ia combinar", e assim a gente ia, ele falando das coisas maravilhosas, que para mim tudo era maravilhoso. Eu contava para ele as minhas coisas, era um perfeito entendimento. Só não dava para casar. Mas o resto, tudo deu para fazer.

J.M.: Mas foi um casamento de amizade, de trocas.

N.M.: Ah, com certeza, isso foi o verdadeiro casamento espiritual. De amigos verdadeiros, de coração. Era mesmo, eu sabia que ele gostava muito de mim. E ele sabia que eu gostava muito dele. Era assim... Graziela Barroso sempre falava: "nossa, o Roberto acha que uma das melhores coisas que aconteceu na vida dele foi conhecer você". Eu falei: "ah, eu também acho", na minha vida, foi ele, sem dúvida, muito importante, porque eu fazia, organizava palestra, vinha gente de todo o lado, eu ganhei um dinheirão organizando palestras e o Burle Marx sempre vinha, nunca disse não. E era Lutzemberger[31] do Rio Grande do Sul, Burle Marx... Você acredita que eu criei dentro da USP bolsa de iniciação científica com o dinheiro que ganhei de vender ingresso para assistir à palestra do Burle Marx? Eu falei: "vou cobrar dessa gente toda para ter lugar". No fim, vendia todos os lugares. Íamos ao auditório maior, que era da FAU, lá cabiam 340 sentados, aí alguém falou: "a senhora pode alugar até 150 cadeiras, que cabem lá", então eu vendia mais 150 cadeiras. Eu dizia: "olha, quem chegar até as 8h", porque mais gente, uma fila enorme querendo se inscrever, porque o Burle Marx ia falar. Eu disse: "agora não dá mais, não tem mais lugar", "não tem importância, a gente senta no chão". Então era assim: até as 8h, o lugar estava garantido, depois, sentava todo mundo no chão. Tinha gente sentado até no palco, onde ele estava falando e eu na mesa com ele, e gente do lado, gente atrás, gente de todo lado. Porque ele sempre foi uma figura incrível. E os botânicos, os paisagistas sempre tiveram o Roberto, um dos primeiros lugares do mundo para ele, era o Roberto, o trabalho do Roberto. E quando ele falava, então, que ele via que era uma plateia apaixonada, que estava entendendo, aí que ele se esbaldava, era lindo.

31 José Lutzemberger (1926- 2002) foi um agrônomo, escritor, filósofo, paisagista e ambientalista brasileiro que participou ativamente na luta pela preservação ambiental.

Pena que naquela época não tinha celular para fazer vídeo. Que pena, tem tanta coisa que eu sinto, mas tem muitos slides. Eu vou mandar para vocês um monte de slides.

J.M.: Sim... e a gente está fazendo também esse processo de recuperação, então, vai juntando, costurando essa colcha de informações. Veja, só uma última coisa. É que a gente tem a intenção de recuperar, como eu falei, esses jardins das velósias. E a gente queria saber se podia entrar em contato com a senhora em outro momento, numa conversa mais técnica, para a senhora nos ajudar.

N.M.: É, eu vou, posso ir ao Rio de Janeiro. Eu posso ir, a qualquer hora eu vou aí, vejo, e fico aí com vocês.

J.M.: Vai ser um prazer receber a senhora. A gente está muito feliz de ter esse contato e de poder mantê-lo por um pouco mais de tempo. Esse foi o nosso primeiro, mas, se a gente puder trocar conversa, até por telefone mesmo, vai ser um super prazer.

N.M.: Até lá eu vou mandar um monte de fotos, vocês vão gostar.

J.M.: Está bom... e a gente manda de lá também, faz um vídeo para senhora ver como está a situação hoje. Mas está lindo, continua lindo o Sítio. Muito obrigada!

N.M.: Um beijo. Muito prazer! Será muito bom abraçá-las pessoalmente, logo! Logo mais.

Contato pós entrevista:

Algumas semanas após a entrevista, no dia 20 de fevereiro de 2021, Nanuza mandou a seguinte mensagem, via aplicativo de WhatsApp, para a entrevistadora Fernanda Mello:

> [...] Esqueci de contar para vocês sobre o banho de aulas que recebi do Roberto em duas viagens: uma em julho e outra em dezembro de 1970, exclusivamente para visitar igrejas de várias cidades de Minas Gerais (antigas), como Congonhas do Campo, onde visitamos as obras do Aleijadinho, além de outras igrejas! O Roberto demonstrava felicidade ao me ensinar dentro de cada igreja as vestimentas de cada estátua, os diferentes tipos de imagens, os olhos de vidro ou pintados e muitos outros aspectos em Diamantina, Serro, Datas, Conceição do Mato Dentro, Milho Verde, Parauapebas, Ouro Preto, etc, etc, etc. Ele delirava de alegria por me ensinar tanta coisa que eu não sabia, pois muitas vezes eu pegava plantas e com lupa de mão e um filete mostrava para ele detalhes que ele jamais vira!!! Bjos queridas!!! Nanuza.

Referências

Páginas WEB consultadas:

Academia Brasileira de Ciências
Currículo Nanuza
http://www.abc.org.br/membro/nanuza-luiza-de-menezes/

Entrevista Fapesp
https://revistapesquisa.fapesp.br/nanuza-luiza-de-menezes-uma-apaixonada-em-meio-as-plantas/

Botânicos do Brasil
https://www.youtube.com/watch?v=GC1-wFRShuU

Filmes:

Expedições Burle Marx 2016, Direção de João Vargas Penna. Brasil.

Referências bibliográficas:

MARX, Roberto Burle; TABACOW, José. Arte & paisagem: conferências escolhidas. 2. ed. São Paulo: Nobel, 2004.
Marx, Roberto Burle. Paisagem, Botânica e Ecologia. Perguntas a Roberto Burle Marx. In: LEENHARDT, Jacques. Nos Jardins de Burle Marx. São Paulo: Perspectiva, 1996.
MENEZES, Nanuza. O Lado Botânico de Roberto Burle Marx. FOLHA, Sociedade dos Amigos de Roberto Burle Marx. Rio de Janeiro, n. 19, ano XV. p. 105 - 111.
Velloziaceae in: Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB245>. Acesso em: 13 fev. 2025.

Documentos consultados (Arquivo SRBM)

SÍTIO ROBERTO BURLE MARX. Livros de entrada e saída de plantas do SRBM (Mimeo).
SÍTIO ROBERTO BURLE MARX. Atas do Conselho Consultivo SRBM (Mimeo).
SÍTIO ROBERTO BURLE MARX. Pasta das famílias do SRBM (Mimeo).

Fontes:

Acervo de História Oral do SRBM
Acervo fotográfico do SRBM
Acervo arquivístico do SRBM
Instituto Moreira Salles

O corpo do texto deste livro foi configurado utilizando a fonte SF Pro Display Light, enquanto os títulos foram destacados com a fonte SF Pro Display Semibold, ambas pertencentes à família SF Pro.

SÍTIO
ROBERTO
BURLE
MARX

Paper PLAN